



A CAÇA NO PARQUE ESTADUAL CHANDLESS, ACRE

Oliveira, M. A¹

Calouro, A.M²; Souza, J. R. D.³

1 - Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais, Laboratório de Ecologia de Vertebrados, Universidade Federal do Acre, Rodovia BR - 364 km 04, 69915 - 900, AC. marcela.mugrabe@gmail.com

2 - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Laboratório de Ecologia de Vertebrados, Universidade Federal do Acre, Rodovia BR - 364 km 04, 69915 - 900, AC.

3 - Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre, Coordenador do Parque Estadual do Chandless.

INTRODUÇÃO

Comunidades tradicionais têm como principal fonte de proteína e gordura os produtos oriundos da vida selvagem, principalmente através da caça (Robinson & Bennett, 2000). Devido a estas comunidades encontrar-se afastadas dos centros urbanos e o acondicionamento de produtos comerciais perecíveis é inexistente ou precária, a criação de animais domésticos não atende totalmente as necessidades da população. Este cenário força com que a caça se torne uma fonte necessária. Uma grande variedade de espécies é caçada, de pequenas aves até mamíferos de grande porte. Certa ordem natural é obedecida, onde a pressão de caça é mais intensa no grupo dos mamíferos, seguido pelas aves e por último os répteis (Redford & Robinson, 1987). Preferencialmente, dentro desses grupos, os mais caçados são, quase sempre, os animais de maior porte e de maior abundância. Essa preferência reflete uma relação custo - benefício para a maximização da obtenção de carne com um menor esforço (Peres, 2000). Dentro deste contexto, a prática da caça e suas particularidades devem ser investigadas com o princípio de evitar a extinção das espécies e o uso desenfreado dos recursos naturais.

OBJETIVOS

Caracterizar preliminarmente o perfil da caça e do caçador no Parque Estadual Chandless, bem como apontar as espécies de maior preferência de caça no PEC, o tipo de caçada realizada e área de ação dos caçadores.

MATERIAL E MÉTODOS

O Parque Estadual Chandless (PEC) (19L 398320.637 8965305.128) está localizado na região central do estado do Acre, com uma área de 695.303 hectares, distribuída entre os municípios de Manoel Urbano, Santa Rosa do Purus e Sena Madureira. A formação vegetal predominante é a Floresta com Bambus e Floresta de Palmeiras. O PEC encontra-se inserido dentro da bacia do Purus. Apesar do PEC pertencer à categoria de Proteção Integral, 11 famílias residem na área. Para a caracterização do perfil de caça e do caçador foi aplicado questionário composto por perguntas abertas e fechadas, enquadradas em três categorias: características da família e caçadores, preferência alimentar e características da caçada. A unidade amostral utilizada neste trabalho é o domicílio.

RESULTADOS

Do total de 11 famílias do PEC, 8 foram entrevistadas. Foram apontadas como alvo de caça 10 espécies, sendo estes 5 mamíferos, 4 aves e 1 réptil, e na sua maioria, indivíduos de grande porte. O abate de indivíduos de grande porte obedece a teoria do Forrageio Ótimo, no qual essa referência reflete uma relação custo - benefício para a maximização da obtenção de carne com um menor esforço (PERES, 2000). Entre os mamíferos, os primatas aparecem como alvo preferencial de caça devido a sua facilidade de localização e tamanho de grupo. No PEC, foram feitos apenas 2 registros de preferência pela ordem, mas especificamente de macaco - preto (*Ateles*

chameck). Esse baixo registro de preferência pode estar relacionado com a vegetação do PEC. A Floresta de Bambu, a qual inibe o crescimento de outras espécies arbóreas, fazendo com que o dossel seja descontínuo e baixo. Esta espécie, tem preferência pelos estratos mais altos da floresta. Este mesmo fator pode estar influenciando a presença de queixada (*Tayassu pecari*). Segundo os moradores, o mesmo não é avistado a 5 anos na área. Por ser uma espécie que necessita de grandes territórios e frugívora, a presença do bambu limita as fontes de recurso. Como estratégias de caça foram apontados a ponto ou caça de esbarro (5), caça com cachorro (2) e espera (1). Foram registrados 3 diferentes calibres de arma: 20 (5), 28 (4) e 32 (2). A idade dos caçadores variou de 12 a 55 anos, com predominância da faixa de 30 - 35 anos (6). A estratégia mais utilizada, a ponto ou de esbarro, é considerada não seletivo, onde o caçador muitas vezes não faz distinção de sexo/faixa etária. O mesmo pode ser aplicado à caça com cachorro. A caça de espera é considerada mais sustentável, pois é possível escolher o animal a ser abatido (Silva Neto, 2009). Todos os panemas e tabus alimentares mencionados estão relacionados com a alta concentração de gordura nos animais (remoso), mas que da mesma forma, são abatidos. Os tabus e panemas são formas de indiretas de proteção, uma vez que os animais não são abatidos (Cormier, 2006). No PEC, essa forma de proteção está mais relacionada com o agravamento do quadro de doenças, e somente nesta ocasião os animais não são abatidos. Peres & Terborgh (1995) estimam que o raio de ação para caçadores a pé na Amazônia é de aproximadamente 10 quilômetros. No PEC, o raio de ação estimados dos caçadores foi de aproximadamente 3 quilômetros, abaixo do estimado. A caça se concentra principalmente próxima as moradias, estradas que levam aos roçados e castanhais.

CONCLUSÃO

A caça para área pode ser considerada, *a priori*, de baixo impacto, principalmente devido à baixa densidade humana e a área de ação dos caçadores. Mas uma avaliação mais precisa e o monitoramento em longo prazo deve ser feito. A adoção de medidas básicas de manejo pode favorecer o baixo impacto da caça. Dentre essas medidas, podem ser citadas a adequação do calibre das armas e mudança de estratégia de caça de a ponto e cachorro para espera.

REFERÊNCIAS

- Cormier, L. A preliminary review of neotropical primates in the subsistence and symbolism of indigenous lowland south american people. *Ecological and environmental Anthropology*, v. 2, n. 1, p. 14 - 32, 2006.
- Peres, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazonia forest. *Conservation Biology*, v. 14, n.1, p. 240 - 253, 2000.
- Peres, C. A.; Terborgh, J. W. Amazonian nature reserves: an analysis of the defensibility status of existing conservation units and design criteria for the future. *Conservation Biology*, v. 9, n. 1, p. 34 - 46, 1995.
- Redford, K. H.; Robinson, J. G. The game of choice: patterns of indian and colonist hunting in the neotropics. *American Anthropologist*, 89: 650 - 667, 1987.
- Robinson, J. G.; Bennett, E. L. Carrying capacity limits to sustainability of subsistence hunting in tropical forest. In: Robinson, J. G. & Bennett, E. L. (Orgs). *Hunting for sustainability in tropical forest*. New York: Columbia University Press, 2000, p. 13 - 30.
- Silva Neto, P. B. *Manual de manejo da fauna para a população tradicional*. BECA, São Paulo, 2009, 180p.